

ASSUNTO: Poluição no Estado de S. Paulo.

O nobre deputado Francisco Salgot Castillon.

O SR. FRANCISCO SALGOT CASTILLO — (Sem revisão do orador) — Sr. Presidente, Srs. deputados, escreveu-me um amigo:

(Lê) — “Então, Salgot, como vai a poluição? A poluição, muito bem, mas as águas muito mal, não é? Como é triste vemos um Estado como este, líder da Federação, o maior centro industrial da América do Sul, cérebro e inteligência do Brasil, onde cultiva a arte e o moderno estilo de vida, cortado de canais de esgoto, negros, fétidos, nauseabundos! Acima do solo, uma estupenda civilização a brotar por todas as borbulhas, e, em nível mais baixo, a porcaria a rolar gravemente, inexoravelmente, sempiternamente. Rios de lama cortando o Estado mais próspero da Federação!”

“O Salgot! Você, como representante do povo, não se envergonha disso?”

Da tribuna da Assembléia, respondo ao franco e dileto amigo:

Sim, estou envergonhado. Profundamente envergonhado. Pelo meu Piracicaba, tão pobre de água, tão rico de podridão. Pelo seu Mogiguaçu, mais tinta do que água. Por todos os rios, ribeirões e córregos do Estado, repugnantes e malcheirosos esgostos a céu aberto. Pelas águas “potáveis” que as populações consomem. Pelas crianças que adoecem. Pelos animais sedentos que refugam a imundície. Pelos peixes que morrem.

Confesso-lhe, caro e sincero amigo: vim para a Assembléia com algumas idéias que me absorveram de tal forma neste início de Legislação, como a Eletrificação Rural, o Banco dos Municípios, o Serviço Cariológico do Estado, etc., que, (perdoe-me) não pude dar à poluição o tratamento preferencial que a gravidade do problema impunha e impõe.

Prometo-lhe, entretanto, que tudo farei para recuperar o tempo perdido. Início hoje o que denominarei de Campanha contra a poluição e os poluidores. Seguirei o seu conselho. Adotarei o sistema de repetição incessante, contínua, implacável. E a poluição? Quem polui? Como poli? Quando polui? Quem manda poluir? Quem autoriza a poluição? As usinas, os engenhos, porque poluem? E as fábricas de papel, porque poluem? E a poluição dos produtos químicos? E a poluição das refinarias? E a das fábricas de tecidos? E as estamparias? E os cortumes? E a poluição dos resíduos de mandioca? Porque a Standard Brands polui? E porque a “Champion”? E a Votorantim? E porque a Matarazzo polui? E o Ermirio de Moraes? E o Klabin? E o Ometto? E o Morganti? E a Rhodia? E a Petrobrás? etc., etc.

É o que repetirei, continuamente, “chatamente”, repicadamente, dissecando a poluição e os poluidores, pondo à mostra por inteiro, o tumor que empesteia. São Paulo, por omissão do governo e por abuso criminoso dos magnatas da indústria, até que minhas palavras, os meus gritos, o meu repise monótono e cansativo chegue aos ouvidos do Sr. Governador, sensibilizando-o se possível fôr a tal ponto, que decida colocar, a favor da água dos nossos ricos, da saúde do nosso povo e da defesa da nossa fauna aquática, os recursos legais e financeiros do Estado necessários para a solução definitiva de tão calamitoso e angustiante problema.

Convido-o, dileto e franco amigo, a tomar parte nesta companhia que receberá, por certo, a adesão integral e entusiasta de todos os homens de boa vontade e, especialmente, dos Srs. ilustres e nobres deputados de São Paulo.

Vamos salvar os nossos rios?